

Calçada

PMS	FMLI	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	29/08/97	
Caderno	Página	
Local	8	
Seção		
Assunto	Bairro	

Decadência desanima e esvazia Calçada

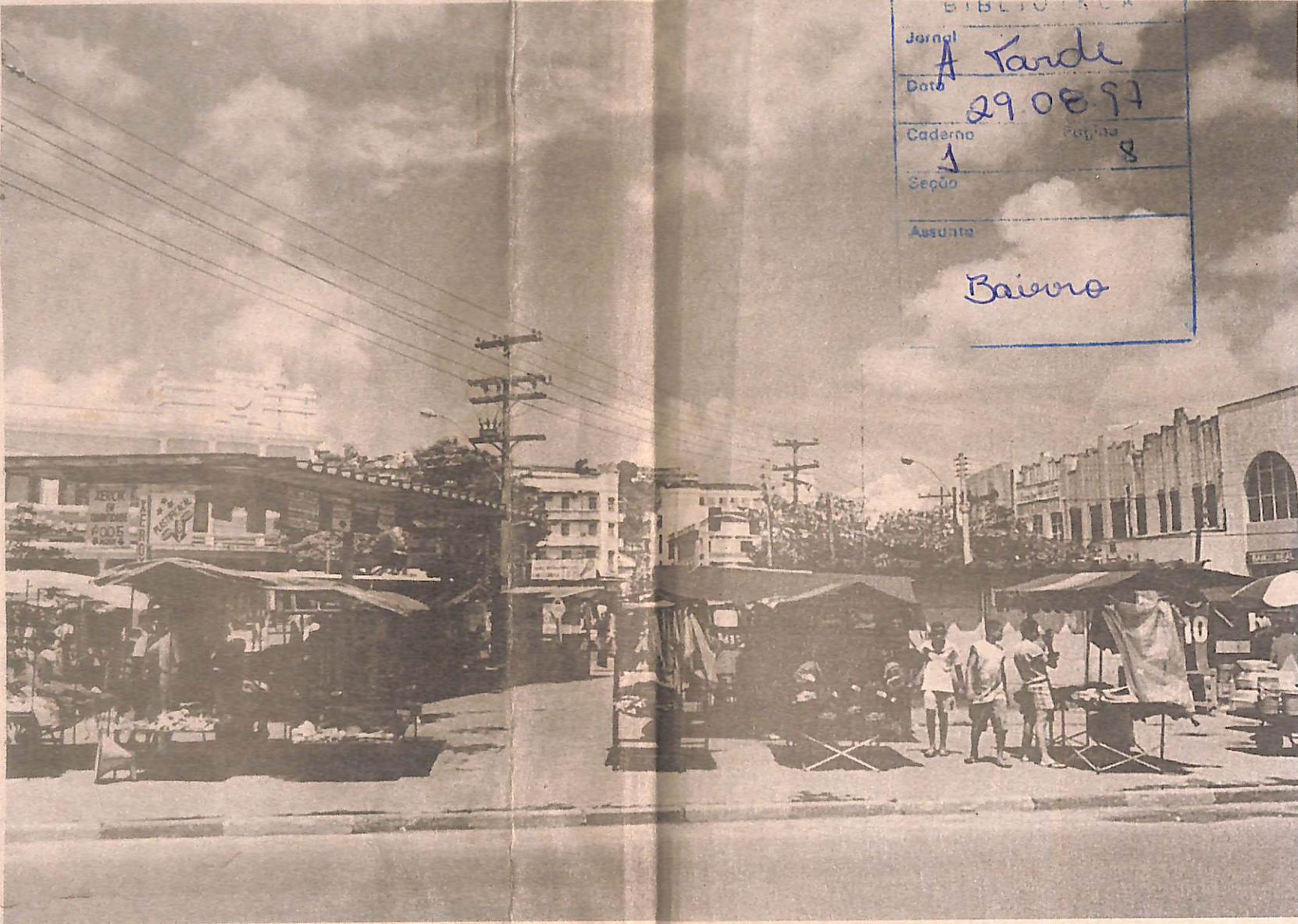
Maria de Fátima Danemann

Decadência, seu nome é Calçada. Isto daria um belo título de livro ou filme se não refletisse uma cruel realidade. A antiga porta de entrada da cidade, um lugar que viu desfilar pessoas da mais nobre estirpe da cidade de passagem para pegar o trem, é hoje um ponto de prostituição, pivetes, comércio ambulante desordenado e outros problemas que dão ao bairro uma incômoda aparência de submundo.

Uma situação que incomoda sobretudo comerciantes do bairro que têm claramente duas faces. A caminho dos Mares e Bonfim, a Calçada é um bairro comercial com ares mais de "família" e mais bem organizado do que o lado que se esconde nas ruas atrás e imediatamente ao lado da estação onde proliferam hotéis de alta rotatividade, armazéns e edifícios de cara misteriosa ligados entre si por ruas sujas e esburacadas.

Decadência

"Olhe o pé de geladeira por apenas R\$ 3 e temos bermudas por apenas R\$ 1". A voz do camelô é grave e solene no microfone. Apesar de tudo, ninguém atravessa a rua até uma área aberta próxima a agência do Bradesco da Calçada transformada em camelódromo. E justamente aí começa o lado mais "chique", ou o menos sujeito à decadência que assola o bairro e que tem sido alvo de sucessivas campanhas de revitalização promovidas pela Associação dos Empresários da Calçada, AEC, que sonham em ver o lugar recuperar o antigo prestígio.



O brilho e a movimentação de visitantes de antigamente deram lugar à ocupação desordenada dos camelôs e aos problemas de infraestrutura

Velhos casarões e prédios em estilo do fim do século passado ou já mostrando o art-decô que foi moda na primeira metade deste século estão sucateados. Na estação de trens,

ao invés dos grã-finos que viajavam com baús importados no começo do século (antes dos ônibus e dos aviões), aposentados que jogam dominó e prostitutas que fazem "por-

to" na escadaria em plena luz do dia são os únicos sinais de vida. Fora isto, apenas o vai e vem dos passageiros dos trens suburbanos que não têm tempo para notar os

detalhes arquitetônicos do terminal ferroviário.

Ao lado e na frente da estação, barracas de feira dão um aspecto de mercado persa ao lugar. Gente vendendo

banana, cebola, temperos, bugigangas de barro, bonecas de plástico barato se misturam aos pivetes que transitam em meio aos compradores esperando um "vacilo". Alguns deles moram nos abrigos de ônibus e ainda dizem que têm um "apartamento de dois andares".

Entrando pela Rua Nilo Peçanha a situação vai se tornando pior. Gente que trabalha ou mora no local olha desconfiada para o fotógrafo que está captando as imagens da decadência através de suas lentes. "É reportagem?", pergunta, alguém, "aqui o que está ruim é que virou uma caçamba ali atrás". Para chegar não só a tal caçamba virada como ao terminal do Plano Liberdade-Calçada passa-se por ruas esburacadas, escuras e caóticas.

Na parada inferior do plano, um descampado, com mato crescendo, um boteco onde homens jogam dominó e tomam a primeira cerveja do dia, um vai e vem de gente que não está exatamente interessado na situação do bairro. E só. Adiante, voltando em direção à estação de trem, a situação da Rua Artur Camambi é tão ruim que até a placa com o nome está apagada em meio aos cartazes colocados em cima.

Do outro lado do bairro, a Calçada é melhorzinha. Existe um comércio mais desenvolvido e organizado do que nas margens direitas da estação de trem, com filiais de redes de lojas de eletrodoméstico e bancos. Mesmo assim, afirmam os comerciantes, as coisas já não são como antes. Como nos tempos em que viajar de trem era um *must* e que a Praia do Cantagalo, bem ali atrás das lojas, era considerada chique.

Periperi sofre com os buracos

José Bonfim

Os moradores e comerciantes das principais ruas do bairro de Periperi, no subúrbio ferroviário, estão vivendo momentos de tensão, tristeza e revolta, como eles próprios afirmam. A reclamação é contra as obras da prefeitura e do programa estadual Bahia Azul. Os moradores acham importante o trabalho de saneamento que está sendo feito, mas acreditam que faltou uma programação correta. "Esburacaram as ruas ao mesmo tempo. Agora, estão todas com entulho, impedindo a passagem de carros", afirma Eliete Mateus Cerqueira.

Ela reclama que a loteria e o bar Santo Antônio, na Rua Frede-

rico Costa, onde trabalha, há mais de três meses vem perdendo seus fregueses. "Os principais eram trabalhadores do Pólo Petroquímico de Camaçari, mas agora os ônibus não entram na rua e a gente não consegue vender quase nada", completa. O comerciante Marivaldo Santana, dono do Supermercado Cesta Básica, na Rua Eduardo Visco, está pensando em fechar seu estabelecimento.

"Há 70 dias, venho perdendo 70% dos meus clientes. A rua ficou interditada e do jeito que vai não conseguirei pagar aos meus fornecedores e aí não restará outra saída senão fechar o supermercado", disse ele. A comerciante Regina Santos de Oliveira ressalva que quando chove é um lamaçal

"terrível" por conta dos montes de terra deixados na rua. "Quando faz sol, a poeira bota todo mundo pra tossir", completa.

Na Rua das Pedrinhas os moradores garantem que, há pouco tempo uma criança foi gravemente acidentada no pé, em consequência da buraqueira. Carros também caem nos buracos. "Aqui, em Periperi, meu amigo o Bahia Azul acabou com o comércio, feira, lojas, padarias, açougues e a paciência da gente", desabafa o comerciante Jorge Louzada.

Na prefeitura, a informação é de que a Sumac já está atuando nos locais, tapando os buracos e asfaltando as ruas, e que a Embasa ainda não concluiu os trabalhos, tendo ainda uma segunda etapa.



A lentidão das obras deixa as ruas atravancadas pelos buracos, prejudicando o trânsito e os moradores

Programa habitacional atrai o servidor

O Programa Habitacional do Servidor pode realmente beneficiar o funcionalismo público com salários de até 12 salários mínimos, mas não agradou aos moradores dos conjuntos já estabelecidos, como o Paralela Park. Isso porque, num mesmo prédio as prestações atuais, que chegam a até R\$ 1.600, como ocorre no Eixo-VI, o funcionário público entra agora pagando valores a partir de R\$ 80, conforme a renda. Insatisfação e disparidade de valores à parte, os mais de 200 apartamentos dispo-

níveis no Paralela Park estão se esgotando, conforme atestam os atendentes do INOCOOP e Caixa Econômica de plantão no conjunto para a entrega da chave aos novos mutuários. Esses apartamentos estavam vazios desde a construção, há quase oito anos e muitos dos proprietários entraram na Justiça em função das altas prestações que, em média, ficaram entre R\$ 400 e R\$ 600.

No posto de atendimento do Centro de Convenções, onde para quem vai de carro o acesso só se dá me-

dante pagamento de R\$ 2,50 pelo estacionamento, o que não agradou a muitos. A partir daí, o pretendente se depara, no balcão, com três possibilidades de concretizar seu sonho: o Paralela Park, na Paralela, Novo Arvoredo, na Estrada das Barreiras e Jardim das Limeiras, no Pau da Lima. A exemplo da professora regente Leila Meire dos Santos, 16 anos de estado, restava ver o imóvel e decidir. No posto não há informações quanto à demanda diária dos 900 convocados, mas o movimento

tem sido intenso.

De acordo com as informações do diretor-presidente da Urbis em exercício Eduardo Couto, além das 900 unidades habitacionais disponíveis, estão sendo construídas mais mil unidades. Metade através do programa Vida Nova, em Lauro de Freitas, cujos lotes urbanizados já foram entregues e outra metade no Recanto da Lagoa, em Coutos. Outras 558 construções estão previstas, das quais 306 na Sussuarana e 252 na Boca do Rio.



No Paralela Park existem agora bem poucas unidades disponíveis